

JORNALISMO INVESTIGATIVO, NOVOS DESAFIOS

Cleofe Monteiro de Sequeira

Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo
Professora da Universidade Anhembi Morumbi e Radial – Faculdades e
Centro de Educação Tecnológica

RESUMO

O objetivo deste artigo é mostrar o contexto em que são produzidas na atualidade as reportagens investigativas, enfocando as pressões que sofrem os profissionais com relação a prazos para conclusão das matérias, impostos pelos editores, à falta de espaço nas páginas dos principais veículos de comunicação e ao processo de edição, que privilegia a imagem em detrimento do texto.

Palavras-chave: jornalismo, jornalismo investigativo, edição jornalística.

ABSTRACT

The objective of this article is to delineate the context where the news investigative articles and the pressures are produced today that suffer to the professionals with regard to the stated periods from conclusion of the substances establishes for the publishers, the lack of space in the pages of the main vehicles of communication and to the edition process, that privileges the image in detriment of the text.

Keywords: investigative journalism, journalism, journalistic edition.

¹ Colaborou na pesquisa de campo e pesquisa bibliográfica Ludmila Fernandes Salomé.

A pesquisa realizada por Carlos Manuel Chaparro, em 1995, sobre os últimos cinquenta anos de prática jornalística (Chaparro, 1998, p. 74-75), mostrou que o Jornalismo Investigativo tem tido uma ocorrência discreta no total das publicações brasileiras: 2,32% do espaço da *Folha de S.Paulo*, 1,73% em *O Globo*, 0,20% no *Estado de S.Paulo* e 0,50%, no *Jornal do Brasil*. Esses percentuais adversos, conseqüentemente, estão a exigir uma reflexão sobre o papel que o jornalismo investigativo ocupa (ou interessa) nos veículos impressos de comunicação de massa. Dentro desta perspectiva, o objetivo deste artigo é fazer uma análise dos principais problemas enfrentados, hoje, pelo repórter investigativo em seu cotidiano de trabalho e mostrar o contexto em que é praticada a reportagem investigativa, que demanda um espaço de tempo relativamente grande para ser concluída e exige metodologia, técnicas e estratégias de trabalho diferenciadas, com relação à apuração no jornalismo de atualidade, quer pelos temas escolhidos, quer pelo processo de captação da informação.

Para entender o que acontece hoje nas redações da chamada grande imprensa, é necessário voltar ao início dos anos 70, quando a mídia impressa, para concorrer com a mídia eletrônica televisiva, passa a ser submetida às leis da tecnologia, dando início, assim, a uma mudança no trabalho jornalístico, intensificada uma década mais tarde, com a informatização das redações, e atinge agora seu ponto crítico, quando o fazer jornalístico é processado na velocidade das novas tecnologias, adaptadas aos meios de comunicação de massa, e é exigido do profissional de imprensa que trabalhe na

velocidade do sistema, o que leva à exclusão, de imediato, do jornalismo investigativo das páginas impressas dos veículos.

Detendo-nos, primeiro, em uma análise das transformações operadas na década de 70, podemos elencar como fator de transformação no processo jornalístico da época, o que Ciro Marcondes Filho (2000, p. 29-32) define como a “utilização de estratégias de comunicação e persuasão nos noticiários informativos”, quando os veículos da mídia impressa passam a aceitar a mediação das assessorias de imprensa para compor seu noticiário, quer geral, quer especializado. Adaptando-se as reflexões de Ciro para nosso foco de estudo, o Jornalismo Investigativo, pode-se concluir que o excesso de comunicados fornecidos aos jornais por agentes empresariais e públicos (assessorias de imprensa) foi muito mais pernicioso ao jornalismo investigativo do que ao jornalismo de atualidade. Ao se misturarem e confundirem os *releases* enviados com a informação jornalística processada no âmbito das redações, pelas equipes de reportagem de cada veículo, estes comunicados, como afirma Marcondes Filho (2000, p. 29-32), “transformaram o processo de captação da informação”. No que diz respeito à reportagem investigativa, esta transformação pode ser considerada fatal, pois os empresários da comunicação, além de burocratizarem o processo de captação, passam a diminuir drasticamente suas equipes de reportagem, já que assessorias de imprensa desenvolvem estratégias de comunicação e persuasão para “vender” suas “notícias” aos editores dos jornais, que as publicam em nome do interesse público e por um custo zero. Este também é o

primeiro passo para a acomodação das equipes de reportagem, que começam a se ocupar apenas das coberturas agendadas.

Nos anos 80, quando a tecnologia imprime um novo ritmo de trabalho para os profissionais de imprensa, mudando a lógica das redações, é dado mais um passo para tornar o contexto em que se pratica o jornalismo investigativo mais adverso para os profissionais. Com a adaptação das novas tecnologias aos meios de comunicação, os projetos gráficos também deram um novo visual às páginas dos jornais diários, o que limitou ainda mais a atuação do repórter investigativo, já que a imagem é privilegiada em detrimento do texto, visando a uma página mais dinâmica. Opta-se, então, por notícias curtas, com poucos parágrafos (em média três), em detrimento das matérias que exigem muito espaço nos jornais. Levando-se em conta que a finalidade do jornalismo investigativo é aprofundar as informações para o leitor, explicando-as na sua complexidade, sem tentar neutralizar seu impacto perante a sociedade, conclui-se que o jornalismo investigativo está na contra-mão desse tipo de edição.

Essa nova realidade com que se deparam os empresários da comunicação levou a uma reformulação do sistema do trabalho jornalístico impresso, obrigando o profissional a se adaptar à alta velocidade de circulação de informações. Exige-se, então, que o repórter passe a trabalhar na velocidade do sistema. Com isso, o jornalista investigativo – aquele que precisa de tempo para apurar suas reportagens, procurar fontes – é uma peça destoante da engrenagem, e, como conseqüência, a reportagem investigativa torna-se rara nas páginas de nossos jornais diários, como detectou a pesquisa realizada por Chaparro.

O premiado repórter investigativo Percival de Souza¹ é testemunha desta transformação, em seus 30 anos de carreira. Em seu depoimento, declara que uma nova mudança ronda as redações, envolvendo o fazer jornalístico e até as relações entre os profissionais de imprensa. Para ele, a solidão é hoje a maior companheira do repórter investigativo. Obrigado a ficar semanas e, às vezes, meses longe da família, dos amigos e, conseqüentemente, da redação, à procura de fontes, apurando informações, cruzando e checando dados, ele não é bem recebido ao voltar para seu local de trabalho. O ritmo em que as informações são processadas atualmente é intenso e, pressionado pelo excesso de trabalho e prazo de fechamento das edições, o jornalista deixa de se relacionar com os colegas de profissão. “O trabalho é tão intenso e impessoal que não temos com quem discutir uma pauta, comentar uma matéria, enfim, trocar informações ou simplesmente conversar”.

Frente a esta realidade, pode-se concordar com Marcondes Filho (2000, p. 29-32), quando este afirma que “o bom jornalista, atualmente, é aquele que consegue, em tempo hábil, dar conta das exigências de produção de notícias e não mais o que melhor escreve. Ele (o jornalista) deve ser uma peça que funcione bem, universal, ou seja, acoplável a qualquer altura do sistema de produção de informações”. Esta definição de Ciro serve de base para se afirmar que o bom profissional do jornalismo possui características que não se coadunam com o perfil do jornalista investigativo, que dificilmente conseguirá seguir prazos operacionais

rígidos com relação à produção de matérias, pois seu processo de averiguação é lento e suas fontes de informação, às vezes, requerem metodologia e estratégias específicas para contarem o que sabem. Além disso, seu texto não cabe nas páginas pré-diagramadas, com matérias construídas em blocos de texto, com tamanhos pré-fixados.

PROJETO FOLHA

Dentro deste estudo, que tenta mostrar em que contexto trabalha na atualidade o jornalista investigativo, é preciso inserir como um dos fatores principais desse processo de mudança as propostas contidas no Projeto Folha, que norteou a linha editorial do jornal *Folha de S. Paulo*, a partir de maio de 1984, quando Otávio Frias Filho, secretário do Conselho Editorial da empresa desde 1974, assume a redação do jornal, colocando em prática as diretrizes do projeto, que abarca um conjunto de seis textos, datados de junho de 1981 a agosto de 1988.

O pesquisador Jorge Cláudio Araújo Ribeiro (2001, p. 53-80) entende que este é um projeto técnico que vai servir de base para o jornalismo praticado na empresa e marcar uma radical transformação no texto jornalístico deste jornal. O projeto opta por um veículo “produtivo, instrumental, cada vez mais identificado com as necessidades do mercado”. É um modelo jornalístico orientado para a prestação de serviços, que transforma a idéia do “jornalismo como missão”, até então defendida pelos profissionais da velha guarda.

Dentro da empresa Folha, no entender de Ribeiro, o jornalismo

passa a ser entendido e praticado como um serviço de atendimento às necessidades do público e com isso despolitiza-se a concepção sobre “o que é e como fazer um jornal”. Desta forma, todo processo jornalístico é atingido: a captação, a redação e a edição. Tomando-se como referência estas palavras de Ribeiro, conclui-se que, quando se opta, como no caso do projeto Folha, por textos curtos, prazos rígidos de fechamento e controle de produção com relação aos repórteres, o jornalismo investigativo transforma-se em categoria em extinção, já que os jornais deixam de investir nas grandes reportagens, como essas categorias são chamadas no jargão jornalístico. Dessa forma, sem uma investigação apurada, que leva tempo e tem custo alto para a empresa, as notícias começam a ser apresentadas ao leitor de forma fragmentada e sem estarem contextualizadas dentro da sociedade em que se manifestam.

Ribeiro detecta em seu estudo o fenômeno que chama de “repercutério”, como um dos sintomas mais marcantes deste novo fazer jornalístico. Ele define como repercutério os comentários de várias pessoas, girando em círculos, após o acontecimento de um ato ou um evento oficial. Seguindo a linha de pensamento de Ribeiro, pode-se deduzir que a interpretação fundamentada em uma análise dos acontecimentos, feita pelo jornalista, é substituída pela repercussão do fato, o que empobrece a reportagem. Além disso, é uma forma de o jornal não se envolver, eximindo-se de opinar explicitamente sobre fatos que explodem no contexto social, dei-

¹ Percival de Souza tem 58 anos de idade e 30 de profissão. Ganhou quatro prêmios Esso de Jornalismo. Publicou 14 livros, entre eles *O Crime da Rua Cuba*, pela Atual Editora; *Eu, Cabo Anselmo* e *Autopsia do medo*, pela editora Globo. Depoimento dado à autora em julho de 2003.

xando que declarações supérfluas, na maioria das vezes captadas por telefone pela equipe de reportagem, junto a fontes de informação que, muitas vezes, pelo teor da declaração, desconhecem o assunto em pauta. E o pior: com isso cria-se no leitor a impressão de dever cumprido por parte do jornal, pois várias personalidades já se posicionaram sobre o tema.

O repórter Antonio Carlos Fon², jornalista investigativo com mais de 30 anos de experiência e um dos mais ferrenhos opositores do Projeto Folha, atenta para outra consequência da implantação do Projeto, que define como “a mais nefasta” de todas: “após 30 anos de implantação do Projeto, os outros jornais também incorporaram este estilo de fazer jornalismo, com relação à padronização das matérias e a quase extinção da grande reportagem”. Estas palavras vêm de encontro ao depoimento de Otávio Frias Filho, quando ele diz: “A impressão que tenho é que os pontos programáticos do Projeto Folha estão não apenas consolidados, mas absorvidos pelo conjunto da imprensa diária. Iniciativas que foram tomadas pela Folha na segunda metade dos anos 80, e que chegaram a provocar controvérsia na época, hoje são progressivamente incorporadas, sobretudo no eixo Rio-São Paulo.” (Ribeiro, 2001, p. 82-83).

É preciso lembrar, ainda, que a implantação do Projeto Folha, na redação do principal jornal da empresa, deu-se em clima de terror: foram demitidos, segundo Ribeiro, em um mês, 27 jornalistas, sob a alegação de “insuficiência técnica”. Ao todo, entre maio de 1984 e fe-

vereiro de 1987, registraram-se 474 demissões, uma média de uma demissão a cada 2,1 dias. Para Otávio Frias Filho (Ribeiro, 2001, p. 82-83), o processo de demissão visava “remover a cultura jornalística existente, que tinha fortes referências ao estilo de comando dos dois diretores precedentes, Cláudio Abramo e Boris Casoy, de 1962 a 1984”.

Segundo o pesquisador, os profissionais foram colocados em uma linha de montagem e a “produção editorial racionalizada, formalizada e normalizada, utilizando a estrutura informatizada”. Estabeleceu-se, ainda, um complexo sistema de quantificação e comparação das “unidades informativas” (notícias) presentes nas edições da *Folha de S. Paulo*, em relação a outros jornais, entre o uso de fotos, mapas, gráficos, tabelas e textos-legenda. Implantou-se ainda uma planilha de produção para o acompanhamento da evolução de cada reportagem ao longo do dia. A normatização consistiu em contabilizar o número de erros por edição e por redator, “gerando um relatório diário, apelidado de pelourinho ou superego”; avaliou individualmente cada jornalista, a quem eram atribuídas notas em uma reunião mensal dos editores; estabeleceu um Plano de Metas Trimestrais. Tendo por base as informações de Ribeiro, pode-se concluir que é impossível praticar o jornalismo investigativo em uma redação que implanta uma planilha de produção para acompanhar a evolução de cada reportagem ao longo do dia, pois, muitas vezes, o repórter investigativo leva vários dias só para descobrir uma fonte e conseguir dela informações e

documentos. Para muitos jornalistas investigativos, como Antonio Carlos Fon e Percival de Souza, medidas como estas deram início ao fim do jornalismo investigativo no jornal *Folha de S. Paulo*.

Por tudo que foi levantado até agora, pode-se concluir que os números apresentados na pesquisa feita por Chaparro (1998, p. 74-94) não devem surpreender, principalmente quando se detecta o discreto aparecimento do jornalismo investigativo – 2,32% – nas páginas da *Folha de S. Paulo*. O que causa surpresa são as declarações do Editor de Redação deste jornal, Otávio Frias Filho³, quando ele afirma que seu veículo mantém um corpo de repórteres especiais, aptos a realizar matérias investigativas, integrado por quinze profissionais “voltados para apurações jornalísticas de maior fôlego que demandam uma qualificação profissional em tese maior”. Ele não os define como repórteres investigativos, pois esta distinção conceitual não existe na nomenclatura do jornal, mas declara que são “profissionais voltados freqüentemente para as pautas de jornalismo investigativo”. Por outro lado, ao explicar o baixo índice de reportagens publicadas em seu jornal, afirma que o motivo é “puramente empresarial”, ou seja, que elas têm um custo alto, pois exigem um repórter em tempo integral, trabalhando em um mesmo tema, além de espaço nas páginas do jornal e gastos para viabilizar a investigação (viagens, hospedagem, refeições).

NOVOS DESAFIOS

No limiar do século XXI, o jornalismo está passando por novas transformações, já detectadas

² O jornalista Antonio Carlos Fon tem 58 anos e 38 de profissão. É detentor de três prêmios Esso, três prêmios Vladimir Herzog e trabalhou nos principais meios de comunicação impressos de São Paulo, como *Jornal da Tarde*, revista *Realidade*, *Visão*, *Istoé*, *Veja* e *Superinteressante*. O depoimento do jornalista foi dado à autora em 23 de julho de 2003.

³ Depoimento de Otávio Frias Filho à autora desta pesquisa em 14 de julho de 2003.

por teóricos da Comunicação, como Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2003, p. 109-118). Para eles, a nova forma de fazer jornalismo tem a interferência direta das novas tecnologias, principalmente, com relação ao início do processo, a fase da captação e verificação de informações, nos Estados Unidos. A Internet e a Nexis (e mais outros serviços surgidos nos últimos dez anos para compartilhar e disseminar informações) têm permitido que os jornalistas acessem com muito mais facilidade informações e declarações, eximindo-os de um contato com as fontes de informação, fazendo com que o trabalho do repórter torne-se cada vez mais burocrático, já que, após obterem as informações facilmente na rede, os jornalistas têm se dedicado apenas a reescrevê-los e direcioná-los, deixando de checar os dados obtidos de forma independente, ou mesmo deixando de descobrir fatos novos. “Gasta-se hoje muito tempo tentando sintetizar a enorme massa de informação tirada da Internet, numa acomodação perigosa não só para o jornalismo investigativo como também para o jornalismo de atualidade”.

Os pesquisadores alertam para o fato de que, neste início de século, as ferramentas oferecidas pelas novas tecnologias de comunicação tornem possível a qualquer pessoa competir com a grande imprensa e citam o exemplo do Center for Public Integrity, de Washington, fundado em 1990, por Charles Lewis, produtor do programa da CBS, “60 Minutes”. “Frustrado com as pressões para produzir matérias mais divertidas”, Lewis

pediu demissão para fundar um novo tipo de organização jornalística, que não tivesse de se preocupar com os índices de audiência noturnos. Com o apoio financeiro de organizações filantrópicas, organizou um workshop com jornalistas com a mesma mentalidade para aproveitar ainda mais o poder dos computadores e a amplitude da internet. Sua iniciativa obteve sucesso e, em 1999, “quarenta das grandes investigações do Center foram pinçadas e distribuídas pelas empresas jornalísticas tradicionais, que não mais vinham pressionando suas equipes para fazer um trabalho similar”. A leitura que se pode fazer desse fato é que os centros de jornalismo independentes estão reorganizando, com o auxílio das novas tecnologias, a forma de produzir e distribuir a informação. Pelo menos, potencialmente, isso oferece um desafio às organizações tradicionais das notícias e dá a entender que se a velha imprensa abandonar de vez o papel de guardião, outros grupos podem assumir esta responsabilidade, acrescentam os teóricos.

CONCLUSÃO

Pelas análises acima, pode-se concluir que o jornalismo investigativo tem hoje três fontes de entrave, que dificultam cada vez mais a atuação do repórter investigativo, durante todo o processo de elaboração de uma reportagem: o primeiro é o sistema de trabalho da redação, que acompanha a velocidade das novas tecnologias e impõe prazos para um ofício cuja essência está exatamente na apuração demorada, na busca incessante de fontes de informação

isentas e na procura de documentação, que dê sustentação à denúncia feita pelo profissional. Como segundo entrave, pode-se colocar o texto exigido pelos editores dos jornais: curtos, blocados em tamanhos pré-estabelecidos, o que elimina a reportagem investigativa, que exige espaço nas páginas dos jornais, pois é de sua natureza contextualizar o fato enfocado dentro do tecido social que o abriga, e fugir da padronização que impera em nossos veículos diários. Por fim, o terceiro entrave está na edição, que privilegia a imagem em detrimento da informação, visando tornar as páginas mais dinâmicas, para competir com as mídias eletrônicas. Enfim, os entraves para a elaboração de reportagens investigativas podem ser encontrados em todas as fases do processo jornalístico, da apuração à edição. Com isso cria-se para o jornalismo investigativo um contexto perverso, já que essa categoria visa levar ao leitor uma informação que grupos de poder querem omitir ou sonegar da sociedade e, para isso, o repórter precisa de tempo para apurar bem, espaço para redigir sua história de modo que o receptor a compreenda em sua real importância, explicando-a, em sua complexidade, sem simplificações reducionistas e sem tentar neutralizar seu impacto perante a sociedade. E, como pregam Kovach e Rosenstiel, o desafio está lançado às organizações midiáticas: se a imprensa abandonar seu papel de guardião da sociedade, parar de cumprir seu dever social de informar o seu leitor, outros grupos, com o auxílio das novas tecnologias, poderão assumir este papel.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOLCH, J.; MILLER, K. **Investigative and in Depth Reporting**. New York: Communication Arts Books, 1978.
- BURGH, H. **Investigative Journalism** – Context and Practice. Nova York: Routledge, 2000.
- CHAPARRO, C. M. **Jornalismo**: Discurso em dois gêneros. Tese (Livre-docência, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo). São Paulo, 1997.
- _____. **Sotaques d'aquém e d'além mar** – Percursos e gêneros do jornalismo português e brasileiro. Santarém, Portugal: Edições Jortejo, 1998.
- DINES, A. **O Papel do Jornal** – uma Releitura. 7. ed. São Paulo: Summus, 1986.
- EMERY, E.; AULT, P.; AGEE, W. **Introduction to mass Communications**. 3. ed. Nova York: Dood, Mead & Company, 1971.
- ETTEMA, J. S.; GLASSER, T. L. **Custodians of conscience** – Investigative journalism and public virtue. Nova York: Columbia University Press, 1988.
- FON, A. C. **Tortura** – A história da repressão política no Brasil. São Paulo: Global, 1979.
- GUSMÃO, S. B. **Jornalismo de investigação**. São Paulo: Summus, 1993.
- KOVACH, B.; ROSENSTIEL, T. **Os elementos do jornalismo** – O que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo: Geração Editorial, 2003.
- LAGE, N. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- LOPES, D. F.; PROENÇA, J. L. (org.). **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Publisher Brasil, 2003.
- LOPES, M. I. V. **Pesquisa em comunicação**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1997.
- MARQUES DE MELO, J. **A opinião no jornalismo brasileiro**. 2. ed. rev. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MACDOUGALL, C. **Interpretative reporting**. Nova York: MacMillan, 1963.
- MANUAL DE REDAÇÃO DA FOLHA DE S.PAULO. São Paulo: Publifolha, 2001.
- MARCONDES FILHO, C. **Comunicação e jornalismo** - A saga dos cães perdidos. São Paulo: Hacker,,2000.
- MEDINA, C.; LEANDRO, P. R. **A arte de tecer o presente** (Jornalismo Interpretativo). São Paulo: Media, 1973.
- MORIN, E. **Cultura de massas no século XX** – O espírito do tempo – 2 – Necrose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.
- _____. **Cultura de massas no século XX** – O espírito do tempo – 1 – Neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.
- _____. **Para sair do século XX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- MOURA, S. R. **O processo de investigação do jornalista Caco Barcellos**. Tese (Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). São Paulo, 2002.
- NASSIF, L. **O jornalismo dos anos 90**. São Paulo: Futura, 2003.
- QUESADA, M. **La investigación periodística** – El caso Español. Barcelona: Editorial Ariel, 1987.
- RAMONET, I. **A tirania da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- RIBEIRO, J. C. **Sempre Alerta** – Condições e contradições do trabalho Jornalístico. 3. ed. São Paulo: Olho d'Água, 2001.
- SOUZA, P. **A autópsia do medo** – vida e morte do delegado Sérgio Paranhos Fleury. São Paulo: Globo, 2000.
- _____. **Narcoditadura**. São Paulo: Labortexto Editorial, 2002.
- STELLA, P. **Periodismo de investigacion**. Madri: Editorial Tecnos, 1986.
- WAISBORD, S. **Watchdog Journalism in South América** –ews, Accountability, and Democracy. New York: Columbia University Press, 2000.
- WOLF, M. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1995.
- Documentos consultados on-line:
- KLEIN, D. **El papel del periodismo de investigación em la sociedade democrática**. Disponível em <http://www.saladeprensa.org>
- MILANÉS, H. C. **Periodismo de Investigación, um nuevo género?** In Sala de Prensa: weg para profesionales de la comunicación iberoamericanos. Disponível em <http://www.saladeprensa.org>
- REYS, G. **Fronteras, obstáculos, pistas, fuentes...** Intersticios Del periodismo de investigación. <http://saladeprensa.org>
- RODRIGUEZ, P. **Periodismo de investigación: técnicas y estrategias**. Barcelona, Paidós. Disponível em <http://www.saladeprensa.org>